

Cinco Poemas

GUSTAVO CASTRO

|

Troco cinco poemas por um prato de sopa.

Escrevo versos podres num rolo de papel
desonrado, e jogo fora em serena descarga.

Não tenho honrado muito a velha poesia.
Talvez porque não esteja à altura dela.
Assim, leio poemas dos outros e sinto
como se fossem meus.
Afinal, poesia é poesia.
Não importa quem escreveu.

Começo um verso esperando nunca terminá-lo.
Mas ele quer, quer sair, desbastar, a mim, vir.

Não escrevo para ser poeta.

Escrevo porque não tenho saída.

Ou é isso.
Ou o nada.

E o nada, já tenho o bastante.



Dentro de pipa tem pi e tem pá
Dentro de mentira tem ira
Dentro de janela tem ela.

Dentro de eterno tem et
Dentro de sete tem et
Dentro de poeta tem et

Dentro de ser tem se
Dentro de morte tem te
Dentro de mel tem me.

Dentro de felicidade tem fel
Dentro de solidão tem sol
Dentro dor tem dó

Dentro de amor tem amo
Mas eu acho que é mó.



sim
a poesia é questão de faca
é também questão de noite
e mais nada

serve
o seu nada
para alguma coisa?

se
numa tarde de domingo
sentado em sua cadeira de mofo-ócio
sobrevém
abrupto

em seu coração
a clara sensação
n o n a d a

por que não rasura a razão
e pergunta
sem demora
para que serve
tudo isto – este desterro – para que sirvo – eu –
impaciente morador desta vida de viço?

e se não encontra resposta
destemido
habitua-se aos grilhões:

a vida-a-ferros!

IV

Depois que se é avó
é que se está pronto para ser mãe.

Depois que se é poeta
é que se aprende a calar.

Depois que se envelhece
é que se começa a viver.

Um estado completa-se sempre em outro estado.
A flor na espada, a água na pedra, o dia na noite,
o fogo no vento e o todo no nada.

O homem é uma sucessão de incompletudes.
Uma praia que não cessa de encher e de secar
para que a incompletude possa se completar.
É por isso que nenhum estado é todo inteiro.
Para que se faça inteiro nas partes que faltam.

Não há estado em si isolado.
Não há estado em si inteiro.

Na dissonância sinfônica das almas
não há estado que não busque
encaixe de cantos e de calmas.

V

Só o impossível me enamora!

Posso acaso prometer o meu fogo
a alguém que não é incêndio?

Posso acaso prometer minha língua
a alguém que não é indizível?

Posso acaso prometer o meu céu
a alguém que não é estrela?

Não. Pois só o impossível me enamora.